

Reescrevendo A História Brasileira: as Obras De Gayl Jones

Stelamaris Coser
(Letras - UFES)

A escritora norte-americana Paule Marshall é autora de um belo romance chamado **O Lugar Escolhido, O Povo Eterno (The Chosen Place, The Timeless People)**, que se passa numa ilha do Caribe inspirada em Barbados, terra de suas raízes familiares e culturais. A história situa dramas pessoais dentro de um amplo contexto nacional e interamericano que entrelaça presente e passado. Paule Marshall enfatiza a influência e dominação que a Inglaterra e os Estados Unidos sempre exerceram sobre o Caribe, inclusive do ponto de vista racial. Na conclusão do livro, a protagonista Merle Kimbona decide recuperar suas tradições africanas e partir para a África. Paule Marshall surpreende então o leitor com uma homenagem a Recife e ao Brasil: é Recife que Merle escolhe como escala a caminho da África, evitando o circuito normal, colonialista e branco, que passaria pelos Estados Unidos e Inglaterra. Diz o romance, em tradução minha:

E ela não tomaria a rota usual para a África, voando primeiro para Londres via Nova Iorque e depois descendo. Ao invés disso, rumaria ao sul para Trinidad, e dali para Recife, no Brasil, aquela cidade em que o grande braço hemisférico se estende a leste, buscando alcançar o ombro forte da África, como se quisesse unir novamente as terras que formaram um só continente no passado. De Recife ela cruzaria o oceano até Dakar, onde iniciaria a longa jornada até Kampala.¹

A trajetória que Paule Marshall imagina para sua personagem é muito significativa porque indica caminhos percorridos por artistas, antropólogos, historiadores, e escritores negros dos Estados Unidos, em busca de suas raízes históricas e culturais. Para reconstruir e reescrever os mitos e as memórias dos descendentes africanos, tão omitidas e deturpadas na narrativa oficial, tornou-se necessário cruzar fronteiras e associar experiências. A própria Paule Marshall trabalhou em nosso país como jornalista e escreveu uma novela chamada *Brazil*.² Toni Morrison, Prêmio Nobel de Literatura de 1993, veio ao Brasil pesquisar sobre a escravidão e seus instrumentos de tortura enquanto preparava seu romance **Amada (Beloved)**.³ Foi a história do Brasil que inspirou a Gayl Jones o romance **Corregidora**, de 1975, e o longo poema narrativo **Canção para Aninho (Song for Anninho)**, de 1981.

Gayl Jones, nascida no estado de Kentucky no ano de 1949, é a mais jovem e menos conhecida dentre as três autoras aqui citadas. No entanto, críticos renomados como Hortense Spillers incluem o seu romance **Corregidora** entre as principais obras de ficção produzidas por escritoras negras desde 1965.⁵ Personagens e fatos da história colonial brasileira chegaram a ela através de aulas e livros de seu curso de mestrado na Brown

University, que certamente incluía Gilberto Freyre e outros clássicos da historiografia da escravidão. Embora Gayl Jones nunca tenha estado aqui, o interesse pela experiência brasileira através da literatura e imaginação alimentou sua criatividade e ampliou sua compreensão do povo negro nas Américas. Ela mesma fala do desejo de escrever uma literatura abrangente, amplamente interamericana: "Gostaria de ser capaz de lidar com todo o continente americano na minha ficção — a América inteira — e escrever sobre negros de todos os lugares".⁶

Sua simpatia pelo estilo e temática de escritores latino-americanos como Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez se evidencia na preocupação em descrever "pesadelos históricos e contemporâneos", usando uma linguagem que mistura mito e história, passado e presente, espaços geográficos diversos, e níveis diferentes de realidade. Como eles, busca novas formas de expressar as Américas e suas tradições, que são em grande parte indígenas e africanas. Numa técnica narrativa híbrida, poliglota e intertextual, Gayl Jones transgride os padrões europeus tradicionais da literatura norte-americana e se investe da responsabilidade moral e social de registrar de novas maneiras o "Novo Mundo".⁷

Embora seus livros se baseiem na historiografia brasileira e em sua vivência da realidade norte-americana, estão longe de ser relatos secos e objetivos. São explorações pessoais e psicológicas unindo história e autobiografia e interrogando desde as relações entre negros e brancos e entre homens e mulheres dentro da sociedade escravocrata, até os papéis tradicionais de esposa e mãe herdados pela mulher daquela estrutura. Movida tanto por dúvidas e preocupações pessoais quanto por dilemas intelectuais ligados à raça e gênero, Gayl Jones se associa ao grande número de escritores e pesquisadores que, nas últimas décadas, se tem dedicado a revisar e reescrever a história das Américas.

Corregidora conta a vida presente de Ursa Corregidora, cantora de *blues* que vive numa cidade do Kentucky mas carrega consigo memórias herdadas de mãe, avó e bisavó, todas marcadas a ferro e fogo por um senhor de escravos português de nome Corregidora. Confundindo tempos e espaços e fugindo duma narrativa realista, o livro relata os conflitos de Ursa em seus relacionamentos amorosos e a profunda ligação desses conflitos com a memória de Corregidora e de sua "plantation" no Brasil. Embora nunca o tivesse conhecido pessoalmente, Ursa o mantém vivo dentro de si com os traços do retrato que todas guardavam e a crueldade com que o descreviam. Corregidora fora amante de sua bisavó, sua escrava no Brasil; fora pai e também amante de sua avó, pouco mais que uma menina quando a escravidão foi oficialmente abolida; e afinal foi também o pai de sua mãe. Todas carregavam o horror do abuso e da violência sofrida, eternamente anunciada pelo sobrenome Corregidora, que se recusavam a abandonar e a esquecer. Buscando uma vida melhor, elas afinal escapam para o sul dos Estados Unidos, onde memórias da escravidão brasileira ressoam dentro do sistema de segregação racial e econômica e de abuso sexual que lá ainda vigora, em pleno século vinte.

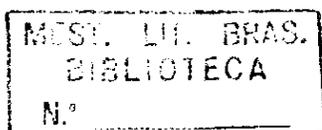
No romance, todo homem é um pouco Corregidora para a última descendente do clã feminino, Ursa Corregidora. A identidade pessoal, o trabalho e o desejo feminino são irrelevantes dentro da estrutura patriarcal que ainda prevalece, daí os insistentes paralelos entre Corregidora e os homens com quem Ursa se relaciona. Após uma briga violenta com o marido Mutt, Ursa tem uma gravidez interrompida, perdendo o filho, o útero, e a capacidade de gerar. Fica impedida de continuar a tradição das mulheres de sua família, cuja missão era produzir filhas que perpetuassem a memória e o ódio a Corregidora. Para elas, seus úteros eram os arquivos que conteriam a verdade apagada nas versões oficiais da história. Queriam desesperadamente evitar o esquecimento, sabendo muito bem como fatos são manipulados conforme a conveniência do poder dominante. Ursa sabe que as leis

respeitavam apenas a palavra e o direito dos brancos, e registros de terras pertencentes a ex-escravos desapareciam misteriosamente de cartórios sulistas. Crimes cometidos contra negros, principalmente contra mulheres, nem eram registrados. Sabe também que, no Brasil, muitos documentos foram queimados quando a escravidão acabou, na tentativa de dissolvê-la como se nunca tivesse existido.

As conseqüências do apego prolongado à memória do senhor e da própria opressão são contraditórias e paradoxais. A proposta de gerar filhas eternamente batizadas de Corregidora não estaria perpetuando para essas mulheres a função procriadora defendida pelo sistema escravagista? Esta e outras indagações ressoam no texto de Gayl Jones. A contínua negação do amor e do futuro não seria uma forma voluntária e masoquista de escravidão? E a lembrança viva de Corregidora: não haveria no ódio um traço misterioso de amor? Ao mesmo tempo que a memória significa testemunho e resistência, ela intensifica e prolonga o sofrimento, perpetuando a vítima com tal.

Ao invés de usar o próprio útero, Ursa cumpre seu dever para com os antepassados, registrando memórias através da linguagem, da palavra escrita, recontando a história para as gerações futuras. Gayl Jones assume a missão de recuperar a identidade perdida de homens e mulheres silenciados pelo sistema dominante, tentando imaginar seus sentimentos e seus conflitos. Numa mistura de fato e ficção, hoje conceitos praticamente inseparáveis, personagens lembram a casa grande e a senzala, a tortura física e mental, o abuso dos corpos femininos para reprodução, prazer ou lucros dos senhores. Falam da separação das famílias, do trabalho exaustivo nas minas e nas plantações de cana ou de café, das tentativas de fuga, e até do dia da Abolição, com a celebração nas ruas. Lembram também o senhor preguiçoso, decadente e sifilítico que acaba louco, e a mulher branca trazida de Portugal que termina também doente, enraivecida pela atenção que o marido dava à escrava favorita. Além disso, o livro aborda questões complexas, que não encontram resposta nos arquivos da história. Quais eram os sentimentos da mulher escrava? Qual a consciência que ela tinha do sistema de exploração? Que conseqüências teve esse sistema nas relações entre homens e mulheres e na própria definição dos gêneros masculino e feminino? Num estudo pioneiro sobre a mulher escrava publicado em 1988, a historiadora Sonia Giacomini declara não ter dados concretos que respondam a tais perguntas.⁸ Gayl Jones se integra à nova geração de escritores que ousa revirar a história pelo avesso, investigar as margens, questionar documentos e interpretações estabelecidas, e explorar ambigüidades e paradoxos.

No romance, o senhor Corregidora e sua escrava favorita, a bisavó de Ursa, personificam três séculos de escravidão em regiões cuja economia cresceu graças à exaustão dos corpos negros. Corregidora é o arquétipo do senhor de escravos. Ex-capitão de navio com terras doadas pelo governo português, ele tem plantações de café e de cana-de-açúcar vizinhas de outras propriedades com cana, algodão, fumo, café e minas de ouro. (10, 124) A bisavó de Ursa, por sua vez, representa todas as mulheres escravas estupradas pelos senhores de norte a sul do continente americano. Com a pele cor de café, doce como açúcar e reluzente como ouro, ela é identificada com os produtos principais da economia colonial brasileira, e sua história individual reflete a história coletiva. Um século mais tarde, a bisneta Ursa vai carregar a ambigüidade da cor e a neurose pessoal e social derivadas da estrutura colonial. Para Ursa, seus cabelos longos e lisos e sua pele morena denunciam o diabo que é forçada a levar em si mesma, heranças de Corregidora. (42, 46) Ela é híbrida e amplamente "americana" na aparência e na história familiar, misturando raças, hemisférios e continentes na mente e no corpo. Sente-se carregando nas veias o sangue de muitos séculos de um passado coletivo, cheio de história e sofrimento. (45) Nos Estados Unidos, entre tantos imigrantes e tantas classificações étnicas, sua cor é ambígua e demanda explicação. Se aqui



ela seria provavelmente uma brasileira "típica", lá Ursa passa por latina.

*"Você é o quê?" ele perguntou.
"Sou americana."
"Sei que você é americana," disse ele.
"Mas de que nacionalidade? É his-
pânica?"
"Não"
"Você parece hispânica." (71)*

Como cantora de *blues*, Ursa também expressa a mistura cultural de Europa e África no lamento melodioso de um povo calejado e sofrido. "Toda vez que quero chorar, eu canto *blues*." diz ela. (46) As canções parecem brotar das histórias contadas pela avó, ou sair das páginas de histeria reprimida na vida de tantas mulheres. (54, 59) O *blues* exprime sentimentos impossíveis de explicar ou definir, a complexa herança cultural, que o romance de Gayl Jones tenta também abordar.

Canção para Aninho é um longo poema narrativo baseado na história do quilombo de Palmares. Gayl Jones se volta aqui para as novas estruturas sociais e culturais que o povo negro consegue criar nas Américas apesar da perseguição intensa. Não está interessada na volta a origens perfeitas e autênticas nem na idealização da raça negra. Reescreve o passado como um processo contínuo em que culturas se encontram, se chocam, e por vezes se juntam em redefinições e adaptações. E tenta mais uma vez imaginar a história não registrada em anais oficiais. Segundo o historiador Décio Freitas, só é possível conhecer a República Negra de Palmares à distância.¹⁰ Através da imaginação, Gayl Jones se aproxima de pessoas comuns que lá moraram. A experiência de Palmares é contada por uma mulher sobrevivente que assina seu nome ao final do relato, com local e data: Almeyda, Serra da Barriga, 1697. Ela teve os seios cortados durante a caçada final ao quilombo e foi dada por morta, mas consegue narrar seus sonhos, pesadelos e lembranças enquanto agoniza nos braços de Zibatra. Esta curandeira índia que a socorreu fala português e tupi, e conhece um mundo divino que transcende línguas e etnias. Gayl Jones junta cores e raças em sua recriação de Palmares e mistura línguas na sua própria narrativa, inserindo termos portugueses ou espanhóis e reforçando sua proposta de criar textos multiculturais e abrangentes. Como Toni Morrison, Paule Marshall e alguns escritores latino-americanos, Gayl Jones cria uma contra-narrativa que tenta resgatar a América antes marginalizada e esquecida.

O poema **Canção para Aninho** discute as funções e transformações da linguagem ao mesmo tempo em que redescobre e reinventa a história. Almeyda relembra a avó, escrava africana de origem islâmica e língua árabe, que desafiara tanto portugueses quanto holandeses em Pernambuco. Lutando contra o esquecimento da língua que lhe tiraram, ela tentava colar seus pedacinhos, encaixando palavras novas onde lhe faltavam as antigas. Para Almeyda, a tristeza da perda é de certo modo contrabalançada pela consciência de que a avó já não falava sua língua original quando aqui chegara. A percepção de que a cultura resulta de um processo dinâmico que envolve contato e interação entra em conflito com a necessidade urgente de lembrar. Quando séculos de dominação tiram a linguagem dos povos dominados, suas narrativas também desaparecem. Almeyda reencarna da avó a coragem, a majestade, o medo, a ternura e a decisão de resguardar sua memória e sua herança. Simboliza o martírio e a perseverança de gerações de mulheres escravas nas Américas. Como Ursa Corregidora, ela é capaz de sentir séculos num só instante, e tem "o sangue de todo o continente correndo em suas veias". (12) O poema evoca a beleza da África, onde o verde é mais verde, mas Almeyda se sente parte do Brasil, desta "terra de densas florestas, / de árvores que dão óleo". Ela diz: "Sou neta de uma africana. /Esta é

minha terra. /Pego o óleo da palmeira e o esfrego no meu cabelo e corpo. /Este é meu lugar. Minha parte do mundo/ A paisagem e a doçura, as guerras e o desespero, / as possibilidades de uma nova vida. /Uma nova percepção." (17)

A narrativa de Almeyda é dedicada ao companheiro Aninho, valente soldado de Zumbi. Juntos eles haviam planejado escrever a história de Palmares do ponto de vista dos rebeldes, revidando versões oficiais. "Vê como eles transformam heróis em vilões, nobres em criminosos, e homens corretos em corruptos?" observava Aninho. (60) Por raiva e revolta, Almeyda desejava eliminar qualquer nome português de suas crônicas: falaria apenas de Zumbi, de Aninho, e mesmo do traidor Ganga Zumba, mas nunca de chefes portugueses ou seus informantes. Aprendeu com Aninho, no entanto, que apagar a existência do opressor imita a violência, e não a resolve. Além disso, persiste o paradoxo: "ao negar seus nomes, você está lhes dando nomes". (61) Almeyda decide afinal capturar o espírito dos habitantes da República de Palmares, contando sua própria história. Refletindo sobre formas de resistência, oferece o próprio texto como possibilidade de construção de significados novos. "Nós usaremos as mesmas palavras," diz Almeyda. "mas elas serão diferentes." (47) Mais que isso, continua ela, "precisamos refazer nossas vozes, porque as vozes velhas não servem mais." (62)

Através de Almeyda, Gayl Jones denuncia o terror que caracteriza tempos e lugares. "O Brasil colônia é um país que não deixa os homens serem gentis. Brancos ou negros". (46, 38) O útero simboliza a vida e o futuro com que sonham Ursa e Almeyda, mas tanto em **Corregidora** quanto em **Canção para Aninho**, as protagonistas não geram filhos devido à violência de ontem e de hoje. Almeyda se lamenta: "Queria que meu útero crescesse muito para você, Aninho, /mesmo num tempo como este, /apesar do tempo.../ Mas meu útero se zangou. /Talvez o tempo fez meu útero, talvez os tempos. /E então o sofrimento fez meu útero secar." (65) Corpos de homens e mulheres são desmembrados, mutilados e torturados nos textos de Gayl Jones, evocando atrocidades sofridas pelos negros ao longo da história. Mesmo assim, a autora considera suas obras otimistas. Em **Canção para Aninho**, o assassinato e mutilação de Zumbi são lembrados como uma tentativa inócua de controlar a imortalidade do seu espírito e luta. A cruel perseguição aos quilombos é incapaz de destruir a fibra de Aninho e Almeyda e o amor que os unia. O livro convida ao mesmo tempo à ternura e à consciência da opressão para que esta não se perpetue.

Muito mais poderia ser dito sobre as obras de Gayl Jones, sua mensagem e sua arte. Concluo com a indagação de Aninho, que se aplica tanto ao passado colonial quanto ao nosso presente:

*Esta era a questão, Almeyda.
Como podíamos sustentar o amor
em um tempo de crueldade.
Como podíamos continuar amando
numa época assim. Como podíamos
olhar um ao outro com ternura.
E manter isso, apesar de tudo.
É difícil manter a ternura
quando tudo em volta está difícil.(32)*

Numa ligação intertextual dupla com o poeta espanhol Antônio Machado e a escritora "chicana" Gloria Anzaldúa, Gayl Jones admite as dificuldades na vida pessoal e coletiva, enquanto reafirma a crença no futuro e nas possibilidades humanas. "É uma longa jornada," nos repete Aninho, "e você precisa criar as estradas ao caminhar." (71)¹¹. Os textos de Gayl

Jones são caminhos traçados pelas Américas, recriando a história da mulher negra e repensando ao mesmo tempo os Estados Unidos e o Brasil.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Paule Marshall, **The Chosen Place, The Timeless People** (New York: Vintage Books/Random House, 1969) 471.
- 2 Incluída na sua coletânea **Soul Clap Hands and Sing** (1961; Washington D.C.: Howard University Press, 1988).
- 3 Toni Morrison, **Beloved** (New York: Knopf, 1987). A pesquisa feita no Brasil é citada em entrevista a Walter Clemons, "The Ghosts os Sixty Million and More," **Newsweek** 28. set. 1987: 75
- 4 Gayl Jones, **Corregidora** (Boston: Beacon, 1975), e **Song for Anninho** (Detroit: Lotus, 1981). Referências a páginas destes livros serão feitas diretamente no texto. A tradução é minha.
- 5 Hortense Spillers. Afterword, **Conjuring: Black Women, Fictions and Literary Tradition**, ed. Spillers e Marjorie Pryse (Bloomington: Indiana University Press, 1985) 257.
- 6 Gayl Jones em entrevista a Charles H. Rowell, **Callaloo** 5 (out. 1982): 40-41.
- 7 Entrevista a Michael Harper, **Chant of Saints: A Gathering of Afro-American Literature, Art, and Scholarship**, ed. Harper e Robert B. Stepto (Chicago: U of Illinois Press, 1979) 365-67.
- 8 Sonia Maria Giacomini, **Mulher e Escrava: Uma introdução Histórica ao Estudo da Mulher Negra no Brasil** (Petrópolis: Vozes, 1988) 71.
- 9 "Spanish" no original, termo que nos Estados Unidos é popularmente ligado à América Latina..
- 10 Décio Freitas, **Palmares, a Guerra dos Escravos**, 4ed. (Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982) 13.
- 11 Proponente da narrativa que denomina de "nova mestiça" e de um espaço multicultural fronteiriço entre México e Estados Unidos, Gloria Anzaldúa escreveu de forma bilingüe: "Caminante, no hay puentes, se hace puentes al andar (Voyager, there are no bridges, one builds them as one walks)". Prefácio, **This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color**, 2 ed., ed. Anzaldúa e Cherrie Moraga (New York: Kitchen Table-Women of Color, 1981). Gayl Jones e Anzaldúa se ligam intertextualmente ao poeta espanhol Antonio Machado (1865-1939), que escreveu em "proverbios y cantares XXIX": "Caminante, no hay camino, se hace camino al andar". **Poesias Completas (1940; Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1988) 239-40**. Obrigada a Mirtis Caser pela referência.